

## MASSA E ENXAME: UMA ANÁLISE DOS CONCEITOS EM FREUD E HAN

*MASS AND SWARM: AN ANALYSIS OF CONCEPTS IN FREUD AND HAN*

Marcello Vieira Lasneaux<sup>1</sup>

### RESUMO

As abelhas são organismos sociais, assim como a espécie humana. Os humanos, apesar de suas vidas singulares, são biológica e historicamente sociais. A história humana perpassa pela história do indivíduo e de sua coletividade; a história da coletividade perpassa pelo conceito de massa. Em 1921, Freud publicou o “Psicologia das massas e análise do eu”. O texto invoca obras de outros autores, a partir das quais critica e aprofunda a discussão das massas à luz da psicanálise. Byung-Chul Han, filósofo alemão, oferece contribuições para a compreensão do novo momento, interpretando a rede social. Han afirma que a nova massa é o enxame. Faz essa afirmação para adiante se desfazer dela: o enxame não é nenhuma massa. A mudança se dá porque se refere ao exame como a nova formação de muitos, como a massa, mas difere agudamente dela porque esses muitos são factualmente indivíduos singularizados, atomizados. A metáfora do enxame se revela uma analogia com suas vantagens e desvantagens, o que não a invalida. As redes sociais, nessa sua face voraz e destruidora, devolveram a chance do *id* (freudiano) comparecer em meio à revolução digital, em algo de absoluta surpresa em que o progresso conduz ao regresso. A confiança nas outras instâncias psíquicas freudianas, permite a possibilidade de achar graus de liberdade para um outro porvir das redes sociais,

---

<sup>1</sup> Mestre em Bioética pela Cátedra UNESCO/ Universidade de Brasília. Professor efetivo do Instituto Federal de Brasília. Bacharel e licenciado em Ciências Biológicas. *E-mail*: marcello.lasneaux@ifb.edu.br.

outros usos, outros arranjos para se imaginar um lugar de crescimento, de solidariedade, de contribuição coletiva, de uma sociedade mais justa, mais ética e mais altruísta.

Palavras-chave: Rede Social. Freud. Han. Revolução Digital. Massa.

## **ABSTRACT**

Bees are social organisms, just like the human species. Humans, despite their unique lives, are biologically and historically social. Human history permeates the history of the individual and his collectivity; the history of collectivity runs through the concept of mass. In 1921, Freud published “Group Psychology and analysis of the Ego”. The text invokes works by other authors, from which it criticizes and deepens the discussion of the masses in the light of psychoanalysis. Byung-Chul Han, a german philosopher, offers contributions to the understanding of the new moment, interpreting the social network. Han claims the new mass is the swarm. He makes this statement in order to get rid of it: the swarm is not a mass. The change occurs because it refers to the examination as the new formation of many, as the mass, but it differs sharply from it because these many are factually individualized, atomized individuals. The swarm metaphor turns out to be an analogy with its advantages and disadvantages, which does not invalidate it. Social networks, in their voracious and destructive face, gave back the chance of the (Freudian) id to appear in the midst of the digital revolution, in something of absolute surprise in which progress leads to a return. Trust in other Freudian psychic instances, allows the possibility of finding degrees of freedom for another future of social networks, other uses, other arrangements to imagine a place of growth, solidarity, collective contribution, a more just society, more ethical and more selfless.

Keywords: Social Network. Freud. Han. Digital Revolution. Mass.

## INTRODUÇÃO: AS ABELHAS E O ENXAME

As abelhas são animais cosmopolitas. Ocorrem em todos os continentes e possuem diversas espécies e, embora a maioria delas sejam solitárias, muitas são sociais. No Brasil, a forma mais conhecida das espécies é a *Apis mellifera*, espécie produtora de mel, social e organizada em castas sociais. Essa organização inclui três castas, sendo uma de machos e duas de fêmeas. A casta de machos é formada pelos zangões. As castas de fêmeas são formadas pelas operárias e outra pela rainha. Apenas as rainhas são férteis e, quando fecundadas, dão origem apenas a zangões. As operárias são originadas por uma estratégia reprodutiva atípica no reino animal conhecida como partenogênese. Nela, a rainha ovipõe e nascem operárias a partir de um gameta não fecundado. As levas de operárias são geneticamente muito mais próximas de sua mãe do que outras espécies que realizam a reprodução sexuada. Além de toda sua singela forma de reproduzir, as abelhas apresentam organização complexa porque exibem eussocialidade.

A eussocialidade corresponde a uma sociedade biológica considerada “verdadeira”. Essa verdade intrínseca é relativa à organização complexa frente a outras formas de organização, exemplificada pela divisão de trabalho entre seus componentes. As eussociedades são resultantes de um complexo número de processos evolutivos graduais e raros que deram origem, entre outras, à espécie humana.

A divisão de trabalho nos grupos parece ser um ato altruísta nas eussociedades.

Alguns assumem atividades que reduzem a duração de suas vidas ou o número de sua prole pessoal, ou ambos. Seu sacrifício permite que outros, que desempenham papéis reprodutivos, vivam mais tempo e produzam proporcionalmente mais prole. (WILSON, 2013, p. 138)

O altruísmo em alguns grupos eussociais incluem sacrifícios de vários membros do grupo, parentes na maioria das vezes, mas, em algumas vezes entre indivíduos sem laços de parentesco. Viver em grupo parece oferecer diversas vantagens sobre viver isoladamente. Enquanto alguns saem em busca de alimento, outros defendem o ninho. Se o organismo é solitário, como conseguiria fazê-lo simultaneamente? Os animais sociais podem apresentar uma vigilância complexa e ainda ter representantes prospectando alimento. Ao achar o alimento, comunicam-se assertivamente entre si, oportunizando a chegada de membros para capturar e transportar comida. No ninho, diversos arranjos arquitetônicos são produzidos criando ambiente seguro,

confortável, resistente ao meio e a outras espécies. Wilson (2013) afirma que muitas dessas espécies são capazes de

formações militares e ataques em massa para vencer presas invulneráveis aos indivíduos solitários. As formigas-legionárias da África estão entre as mais avançadas nessa adaptação. Elas marcham em colunas de milhões, consumindo a maioria dos animais pequenos que encontram pelo caminho. As hordas dessas e de outras espécies de formigas-legionárias são também singulares entre os insetos com a capacidade de derrotar e consumir grandes colônias de cupins, vespas e outros tipos de formigas (WILSON, 2013, p. 139).

O sucesso desses ataques é reconhecido nos insetos sociais como as abelhas. Irritadas, podem se organizar rapidamente e se direcionar para qualquer ponto específico identificado e ocasionar o rápido desmonte do potencial inimigo. Esse agrupamento rápido, assertivo e feroz é chamado de enxame. O processo de enxameação ocorre em diversas ocasiões, dentre elas a do ataque.

As abelhas são organismos sociais, assim como a espécie humana. Os humanos apesar de suas vidas singulares, são biológica e historicamente sociais. A história da do ser humano perpassa pela história do indivíduo e de sua coletividade. A história da coletividade perpassa pelo conceito de massa.

## 1 A MASSA

Em 1921, Freud publicou o “Psicologia das massas e análise do eu”. O texto traz a percepção de Freud sobre obras de outros autores, a partir das quais, critica e aprofunda a discussão das massas à luz da psicanálise. Dentre os autores citados por Freud estão Gustave Le Bon (“Psicologia das massas ou das multidões”), William McDougall (“A mente grupal”), Gabriel Tarde (“As leis da imitação”) e Wilfred Trotter (“Os instintos de rebanho na paz e na guerra”). A proposta é a de discutir o fenômeno das massas em sua face mais interna, dissecar o movimento, aportar em suas entranhas. O que chamava atenção de Freud para dentro de sua teoria sobre a ordem psíquica era a dissolução do *eu* na massa e seus desdobramentos. Justifica a relevância dessa reflexão afirmando que “a oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas, que à primeira vista pode nos parecer muito significativa, perde muito sua nitidez ao ser examinada mais a fundo” (FREUD, 2017, p. 35).

Adiante, Freud comenta que o *outro* entra na vida de cada um de várias formas, como “modelo, objeto, ajudante e adversário” (FREUD, 2017, p.35). O embate e o enlace de si com o outro é imperativo e plural nessa relação. Ressalta que no ser humano há um impulso social, um impulso gregário, uma mente grupal. Ocorre que esse indivíduo na massa apresenta reações interessantes e modificadas. É essa modificação de comportamento que oferece material à psicologia das massas, é que se deve debruçar para compreender o fenômeno. Usando Le Bon, traz o conceito de massa psicológica. A massa psicológica é um todo, um agregado de indivíduos que se comporta como um ser, mas

é um ser provisório constituído por elementos heterogêneos que por um momento se ligaram entre si, exatamente como por meio de sua união as células do organismo formam um novo ser com qualidades inteiramente diferentes daquelas células individuais (FREUD, 2017, p.41)

Ainda citando Le Bon, afirma que os indivíduos na massa apagam suas aquisições e assim, desaparecem suas singularidades, “o heterogêneo se perde no homogêneo” (FREUD, 2017, p.43). Retornando à psicanálise, Freud diz que a superestrutura psíquica tão diversa nos indivíduos é removida e enfraquecida e o fundamento inconsciente (o *id*), semelhante entre todos, comparece e se torna ativo.

Em outro trecho, Freud revela que, na massa, os atos são contagiosos e isso se dá em grau muito elevado, tão intenso que o indivíduo sacrifica prontamente seus interesses em relação ao interesse coletivo, o que lhe é antinatural, totalmente inimaginado para ele: não é mais um indivíduo, não detém subjetividade, não é ele mesmo; antes disso, está substituído, dando lugar a um autômato desprovido de vontade, conforme apontado por Le Bon. Na massa, têm-se atos elevados de renúncia, da mais alta heteronomia, suposto altruísmo, dedicação a um ideal; em outra instância, tem-se uma nova moralização do indivíduo.

Daquilo que é humano, Freud comenta que o indivíduo na multidão “desce vários degraus na escala da civilização” (FREUD, 2017, p. 48). Há um afastamento do humano, há uma regressão, há uma reptilização do homem. Na massa, há algo de um afetivo complicado. “A massa é impulsiva, instável e irritável “ (FREUD, 2017, p.49). Seu grau de imprevisibilidade é inato, não há premeditação, a massa é incapaz de uma vontade durável. Onipotente, impremeditada e surpreendente, porém

determinada. Na massa, não há dúvida, nem espaços para a incerteza. Ocorre que nela, o certo logo nasce do incerto, a todo instante, subitamente.

A massa leboniana apresenta outra característica importante: é conservadora. A massa tem muito respeito pela tradição, não é nunca elemento de inovação, pelo contrário, rejeita facilmente as novidades e os progressos, se volta para trás e se revitaliza dessa aversão. Sobre *Le Bon*, Freud aponta duas ideias importantes e inovadoras no pensamento sobre o fenômeno das massas: a intensificação da afetividade e a inibição coletiva da inteligência.

Quando comenta sobre McDougall, Freud identifica a distinção de duas massas: a não-organizada e a organizada. Sobre a não-organizada escreve que

tal massa é: extremamente excitável, impulsiva, passional, inconstante, inconsequente, indecisa e ao mesmo tempo disposta a ações extremas, acessível apenas às paixões mais grosseiras e aos sentimentos mais simples, extraordinariamente sugestível, leviana em suas reflexões, violenta em seus juízos, receptiva apenas às conclusões e aos argumentos mais simples e mais incompletos, fácil de conduzir e de comover, desprovida de consciência de si e de sentimento de responsabilidade, mas disposta a se arrastar pela consciência de sua força a todas as atrocidades que só podemos esperar de um poder absoluto e irresponsável (FREUD, 2017, p.65)

O inovador e questionável para Freud em McDougall é que ele admite a existência de massas organizadas. Para tal, atenderia algumas condições como: continuidade na sua existência (em vez da efemeridade); formação de uma determinada ideia que será a ligação emocional que a manterá; relação com outras massas diferentes (que mantenha em si a sua identidade); tradições e costumes; especialização de seus membros (alguma hierarquização).

De Trotter, Freud traz sua associação da massa como uma continuação biológica, um fenômeno adjacente e evolutivo da multicelularidade, presente em diversos seres, como nas abelhas e em humanos. Imagine como seriam todas essas discussões na era digital, no momento das redes sociais.

## 2 AS PESSOAS E O DIGITAL

Wilson (2013) reafirma a “necessidade irresistível” de formação de grupos (2013, p.295). A tendência da eussocialidade em seres humanos é materializada

desde o neolítico, há 10 mil anos, com o surgimento de aldeias e sociedades hierarquizadas. No entanto, o surgimento das redes sociais exponenciou de forma inimaginável essa tendência. Esse novo *set* de atuação do humano, essa neossocialização trouxe questões ainda em construção e entendimento. Byung-Chul Han, filósofo alemão de origem sulcoreana, oferece contribuições para a compreensão do novo momento, interpretando a rede social, na sua obra “No Enxame: perspectivas do digital” (2018).

Nas redes sociais, Han detona que o ambiente é cada mais espectral e viral. Espectral porque, trazendo Kafka para a discussão, aponta que só existem fantasmas na comunicação à distância. Na sua época, Kafka criticava as cartas como objetos que levavam ao outro um ente fantasmagórico. Citado por Han, Kafka tinha a expectativa para superar as cartas e os fantasmas de quem escreve e de quem lê, seriam os trens e os carros. Atravessando as distâncias, removiam-se assim o que havia de fantasmagórico entre dois seres humanos, permitindo as interlocuções diretas, suas linguagens verbais e outras. Assim, Kafka esperava devolver e assegurar um “intercurso natural” e uma “paz das almas” (HAN, 2018, p.96). Entre cartas, telefonemas e recentemente com as mídias digitais, será possível? O que diria Kafka dos tempos atuais e das redes sociais? Não existe o outro, existe a ilusão do outro, só possível pelas experiências vivenciadas. No virtual, não há essa experiência: o outro também é fantasmagórico. Assim, como existe a ilusão do outro, existe a ilusão de si. Isso se dá porque cada um na rede coincide inteiramente com a informação, com o *post*. O *post* é a revelação do *eu* na rede. Esse *eu* só entendido pela ilusão do outro, mas também é uma ilusão de si. Assim, se organiza o digital: organiza-se em fantasmas digitais.

Han traz que o ambiente das redes é viral porque se tem a intensidade contaminante do *é postado*. Nesse momento, intensifica a questão quantitativa: tudo é quantidade no mundo digital. Não importa a qualidade da informação, a qualidade do hipertexto, a qualidade de quem comenta, de quem posta ou de quem curte. As pessoas não são reconhecidas por “quem” as seguem e sim por “quantos” as seguem. O que importa é o número de seguidores. Quanto maior o número de seguidores e o número de curtidas, maior é o prestígio. Não adiantam as tentativas de mascarar o fato. O Instagram©, em um dado momento, resolveu não revelar para seus usuários o número de curtidas das postagens para as pessoas, exceto para quem postou. De nada adiantou, a ideia de número é vigente. Fulano tem 1 milhão de seguidores! Cicrano

tem 5 milhões! Cicrano tem mais prestígio que Fulano! O número de informações é a certeza de sucesso e de importância nas redes sociais. Nas escolas, por exemplo, os perfis dos alunos nas redes têm uma audiência sensivelmente maior que a de seus professores. Hoje, o maior medo nas redes sociais é o medo quantitativo: o medo do cancelamento. O cancelamento é

um fenômeno nascido na internet que transforma a rede em um tribunal, sem direito à defesa e ao espaço para o aprendizado e o contraditório, uma reação à percepção de impunidade nas redes. Fora da internet, seria o equivalente a cortar relações pessoais ou ignorar uma pessoa (NEJM, 2021)

Cancelado, o fantasma kafkiano é descoberto e sai do espectro, “assim, hoje, tudo aquilo que não é enumerável cessa de ser” (HAN, 2018, p.67).

### 3 DA MASSA AO ENXAME

Han (2018) observa e relata filosoficamente sobre as redes sociais, seus movimentos e suas consequências. Para expressar sua compreensão recorre ao conceito do enxame.

Han afirma que a nova massa é o enxame. Faz essa afirmação para adiante se desfazer dela: o enxame não é nenhuma massa. A mudança se dá porque se refere ao exame como a nova formação de muitos, como a massa, mas difere agudamente dela porque esses muitos são factualmente indivíduos singularizados, atomizados. No enxame, não há um interesse que seja do grupo, nunca. Han afirma que “os indivíduos que se juntam em um enxame não desenvolvem nenhum *Nós*”. (2018, p.27). Adverte ainda que o enxame não tem voz, como as massas. No seu lugar, o enxame tem barulho, ensurdecedor mas não se materializa em uma fala inteligível.

No enxame de Han, cada um não é um “ninguém”. Ele se não se plasma para formar todos, a massa. Segundo Han, o indivíduo está sempre presente no enxame. Ele é “alguém”, porém um “alguém” anônimo, espectral mas real. Espectral pela sua revelação parcial como sujeito e por sua aparência fragmentada e fugidia; real, porque se manifesta, se expõe, aparece sob forma do digital, é lido e quantificado.

O enxame de Han é uma expressão que denota a efemeridade da aglomeração, como nas abelhas sociais. O enxame humano e digital é instável, “a volatilidade se destaca” (HAN, 2018, p.30). O enxame se forma e desforma com incrível rapidez, transferida por bits e Mpbs. São grupamentos que não se mostram formações firmes e propositadas, não se olham, não se aderem. Não desenvolvem motivos, nem aprendizagem, nem conexões; são destituídas de energia política. Apenas agem aglomerada e despolitizadamente. A quem o enxame se dirige? Lançam-se contra pessoas individualizadas, causando-lhes embaraço, escândalo e destruição. Depois, desorganizam-se o que de fato nunca foi organizado, espalham-se, recolhem-se em si, à espera de uma nova enxameação. Enquanto muitos acreditam que a massa é a verdadeira engrenagem produtiva, no ambiente digital tem-se seu desafio: “O socius [social] dá lugar ao solus [sozinho]”. (HAN, 2018, p.33) Nesse ambiente, possibilitado de destruição, proliferam atividades do enxame. Denominações como *haters* e *trolls* anunciam um subsegmento dentro do enxame, catalisadores do enxameamento, que atacam sistematicamente as postagens. Os haters canalizam seu ódio como uma metralhadora giratória, os trolls têm uma agenda diferente, atuam especificamente atacando pessoas ou uma causa específica. De toda forma, agem de forma devastadora e causam efeitos reais. Williams (2012) cita dois casos na Inglaterra em que a ação destrutiva de comentários des trolls funcionaram como pressões que, coincidência ou provavelmente não, levaram a suicídios de duas jovens, uma delas de 15 anos.

Analisando a narrativa de Han, qual seria a exata correlação entre massa e enxame?

#### 4 AS DIFERENÇAS ENTRE MASSA E ENXAME

Ao analisar Han, pode-se compreender resumidamente as diferenças entre a massa e o enxame (quadro 1). Nem todos os quesitos utilizados na comparação são efetivamente *ipsis litteris* apresentados na obra de Han, mas por vezes, valores percebidos na leitura dele. Há um esforço em separar o enxame da massa, embora por vezes, seus elementos se mostrem em interseção. O quadro é um tentativa de comparação apressada e resumida, mas que procura distingui-los conceitualmente por critérios identificados na narrativa de Han e apoiados no texto de Freud (2017).

QUADRO 1 – Comparação entre os conceitos de massa e enxame, segundo abordagem interpretativa em Han (2018)

| Critérios                     | Massa                   | Enxame         |
|-------------------------------|-------------------------|----------------|
| o indivíduo no grupo          | plasmado                | singularizado  |
|                               | ninguém                 | alguém anônimo |
| agrupamento efetivo           | sim                     | não            |
| voz ou ruído                  | voz                     | ruído          |
| natureza                      | analógica e digital (?) | digital        |
| contaminação entre indivíduos | sim                     | sim            |
| quantidade de indivíduos      | muitos                  | muitos         |
| energia política              | presente                | ausente        |
| envolvimento afetivo          | centrado no outro       | narcísico      |
| dúvida sobre seus motivos     | ausente                 | ausente        |
| premeditação                  | ausente                 | ausente        |
| importância de uma liderança  | alta                    | nenhuma        |

Ao analisar o quadro que pretende sumarizar comparativamente os dois conceitos, percebe dois grupos de respostas: as divergentes e as convergentes. Há vários pontos de contato entre os dois conceitos (as convergências) como: o fato de se tratarem de fenômenos de quantidade, de apresentarem cunho afetivo, de não apresentarem incertezas/dúvidas sobre suas ações, de serem contaminantes e de não serem premeditados. Mas há algumas divergências importantes.

Dentre as diferenças entre os movimentos, a que mais é norteadora e visceral é quando se faz a comparação sobre o papel do indivíduo em cada conceito. É muito explícito o pensamento de Han. A ideia de Han de que no enxame o indivíduo está presente embora anônimo ao contrário da massa onde o indivíduo não existe, funcionaliza e organiza diversas outras diferenças adjacentes a essa primeira diferença como aquelas que dizem respeito a: não haver um líder, não haver uma voz, não haver uma energia política, não haver uma efetiva reunião de seus membros. Além disso, o fenômeno do enxame é inerentemente digital, porque requer a representação fantasmática que o meio virtual endossa. Apresentado assim, o conceito de enxame é customizado em Han como uma nova categoria no enfrentamento da eussocialidade no mundo digital. Mas será a escolha do nome, por suas matizes biológicas, plenamente aceitável?

## 5 A METÁFORA DO ENXAME

O enxame é a analogia usada por Han e é possível perceber o porquê. Os elementos da voracidade, da abnegação de qualquer valor individual, a fúria, a efetividade e a efemeridade estão presentes. É de desse trecho do conceito de enxame que se apropria Han. Entretanto, há dois eixos conceituais que merecem discussão.

O primeiro deles, é sobre a diferença entre os conceitos de massa e enxame. Han procura defender essa distinção, mas com alguma claudicância, sobre se o enxame é massa ou não. Ora, na sua narrativa tenta claramente afastar um conceito do outro; mas adiante oferece alguma dificuldade. Retomando as referências citadas por ele, especialmente em *Le Bon*<sup>2</sup>, mas recorrendo à ampliação da psicologia das massas em Freud, podem-se identificar diferenças entre os conceitos, mas muitas aproximações. Qual delas é marcadamente decisiva para separar os conceitos ou tipificá-los como categorias um dentro do outro (nesse cenário, o enxame seria um tipo de massa) requer olhares mais detidos e plurais.

O segundo, seria retornar ao conceito biológico do enxameamento das abelhas, um retorno ao fenômeno evolutivo. No enxame, há uma intenção explícita e comprometida com o grupo que o compõe. Orientados pelo feromônio, trata-se no fundo de uma massa organizada e alinhada com o princípio de sobrevivência do grupo, contra uma ameaça comum e potencialmente danosa. A comunicação das abelhas ocorre por meio de substâncias chamadas de feromônios. Há muitos deles. Apenas na cabeça da rainha do gênero *Apis* há 32 feromônios disponíveis. Dentre os feromônios dois estão associados com a resposta defensiva (ou ofensiva) das abelhas: o feromônio de alarme (aviso de inimigo) e o feromônio de defesa. O feromônio de defesa é liberado com ferroadada de uma abelha operária, que logo atrai outras enfurecidas para o local (BOMFIM, 2017). O enxame é um processo que se justifica evolutivamente, que se justifica internamente quando analisada sua origem e sua permanência. Não se vê isso, segundo Han, no enxame digital. O que ocorre é um enxameamento distópico, enlouquecido, como um distúrbio social e não como um comportamento ordinariamente estabelecido e selecionado no tempo evolutivo. O enxame digital ou enxame de Han se apropria parcialmente

---

<sup>2</sup> *Le Bon* é um fator muito importante para comparação entre Han e Freud porque é citado e explorado por ambos. (Nota do Autor).

do enxame das abelhas. Olha para suas partes de superfície sem se deter no seu todo. Aliás, o todo do enxame de Han é, no fundo, nenhum; para Han, não há todo, há sim muitos *unos*. Esse ponto destoa nevrálgicamente o enxame de Han em relação ao enxame das abelhas sociais.

Não se sabe o quanto os argumentos acima enfraquecem a analogia proposta por Han, mas certamente contribuem para seu delineamento, seus limites e sua textura. De certo, a gramática do digital também merece seu lugar e, nesse sentido, a contribuição de Han é inédita, inconfundível e percebida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contra o enxame das abelhas, há alguns recursos. O enxame fica alerta por achar que há fogo se aproximando da colméia e as abelhas tomam mel para uma possível fuga, o que as impede de ferrear (ROCHA, 2008). Há ainda a autorregulação dos ecossistemas com a resistência do meio às proliferações demasiadas e o sucesso absoluto de uma forma de vida. O comportamento eficaz do enxameamento das abelhas não evita com que existam. A *nosemose* é causada por um protozoário que provoca problemas graves no intestino que fazem a colmeia ficar imunda de fezes. O ainda desconhecido *mal-do-outono* que fazem as abelhas enlouquecerem e agitadas, morrerem de cansaço. Assim como natureza, na vida antinatural da humanidade, aguarda-se seu controle, ao menos nas redes sociais.

Por vezes, ao examinar o enxame de Han possibilita-se repensar o próprio conceito de eussociedade, “sociedade verdadeira”. O que se percebe é uma ausência de pré-requisitos para que se tome o conceito de sociedade verdadeira, retornando a um conceito menos organizado, o de gregarismo ou de pseudossociedade. Faltam aparentemente às questões do altruísmo e por vezes, dada a ausência de juízo complexo, um retorno a algo mais simplório e reptiliano do que é humano. Trata-se de subrepticamente atracar-se com o encéfalo na sua face mais primitiva e devolver o inconsciente substancialmente como referido por Freud. No fundo, o enxame representa uma desumanização, uma regressão ao primário, uma devolução evolutiva ao paleolítico em que toda cultura ainda era inexistente ou incipiente. As redes sociais, nessa sua face voraz e destruidora, devolveram a chance do *id* (freudiano) comparecer em meio à revolução digital, em algo de absoluta surpresa em que o

progresso conduz ao regresso. A confiança nas outras instâncias psíquicas freudianas, permite a possibilidade de achar graus de liberdade para um outro porvir das redes sociais, outros usos, outros arranjos para se imaginar um lugar de crescimento, de solidariedade, de contribuição coletiva, de uma sociedade mais justa, mais ética e mais altruísta.

## REFERÊNCIAS

BONFIM, I. G. A.; OLIVEIRA, M. O.; FREITAS, B. M. **Curso Técnico de Apicultura: biologia das abelhas**. 56 f. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/320907688\\_Biologia\\_das\\_abelhas](https://www.researchgate.net/publication/320907688_Biologia_das_abelhas)> Acesso em: 22 maio 2021.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre: L&PM, 2017. 176p.

HAN, B. C. **No exame: perspectivas do digital**. Petrópolis: Vozes, 2018.

NEJM, Rodrigo. Cultura do cancelamento: o que significa ser cancelado na internet? [Entrevista concedida a] **Dialogando Vivo**, 06 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.dialogando.com.br/comportamento/cultura-do-cancelamento-o-que-significa-ser-cancelado-na-internet>>. Acesso em: 23 maio 2021.

ROCHA, J. S. **Apicultura**. Niterói: Programa Rio Rural, 2008.

WILLIAMS, Z. What is an internet troll? **The Guardian**, jun. 2012. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/technology/2012/jun/12/what-is-an-internet-troll>>. Acesso em: 26 maio 2021.

WILSON, E. O. **A conquista social da Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.